

EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E CONTESTAÇÃO SOCIAL

As problemáticas envolvendo a presença da juventude no cenário social são muitas e diversificadas. Questões que dizem respeito à participação política e contestatória, à evasão da escola básica, à capacitação profissional e ao ensino médio, à presença nos programas de educação de jovens e adultos, ao acesso e à permanência no ensino superior e ao envolvimento com a pobreza e com a violência tem sido frequentes nas agendas de preocupações dos cidadãos, das autoridades e estudiosos da juventude brasileira.

Estudos realizados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) nos informam que mais de 60 mil pessoas são assassinadas, anualmente, no Brasil, e as perspectivas apontadas para os jovens, que se encontram entre os 12 e os 18 anos, não são nada animadoras. Aliás, são alarmantes, pois, são estimados que 36.735 desses indivíduos, que se encontram nessa faixa etária, serão mortos até 2016, na maioria dos casos de forma violenta e com a utilização de armas de fogo. Isso caso não sejamos capazes de tomar alguma providência e exigir das autoridades a aplicação de medidas efetivas e duradouras no combate ao atual e trágico ritmo de violência que se abate contra os jovens em nosso país.

Não bastasse isso, os mesmos dados levantados pelo Ipea identificam que a possibilidade de um jovem negro ser assassinado é 3,7 vezes maior em comparação com os brancos, conformando uma taxa de homicídios de 36,5 por 100 mil habitantes, quadro esse assemelhado às guerras, às piores epidemias e que somente guarda comparação com as mais trágicas catástrofes mundiais.

Mas aqui, verdade seja dita, não cabe muito otimismo, uma vez que estamos diante do maior nível de violência, desde que o índice começou a ser apurado, em 2005, quando, então, os dados já eram extremamente preocupantes e registravam a taxa de 2,75 jovens assassinados por cada mil.

Os jovens também estão submetidos a uma educação básica de péssima qualidade e apenas 7% têm acesso à educação profissional ao mesmo tempo em frequentam a escola regular, ao passo que, em muitos países industrializados, o percentual é superior a 50%. Existe uma crônica di-

ficuldade de oferecer aos jovens de baixa renda educação de qualidade e qualificação profissional que lhes permita ingressar no mercado de trabalho em condições mais satisfatórias que, inclusive, possam favorecer a escolha, a consolidação e o desenvolvimento de sua carreira.

A presença da juventude no cenário político, por sua vez, tem sido muito marcante e explosiva, podendo mesmo ser considerada algo alvissareiro e digno de nota e expectativas positivas sobre o papel que os jovens têm desempenhado na realidade social brasileira. Tendo como marco importante, as chamadas “Jornadas de abril”, quando sucessiva e interrompitamente os estudantes tomaram de assalto as ruas de Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis, Campinas, Feira de Santana, Piracicaba, Goiânia, Natal, etc. As cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro foram as que tiveram a maior quantidade de protestos, assim como as que tiveram mais intensidade e combatividade da juventude para enfrentar a polícia e a tropa de choque que reprimiram os manifestantes com cassetetes, bombas de gás lacrimogêneo, balas de borracha e detenções; porém, o único efeito conseguido foi a radicalização e intensificação dos protestos em praticamente todas as regiões do país.

De fato, os jovens encararam a ação repressiva policial e protestaram contra o “abusivo” aumento das passagens dos ônibus das cidades brasileiras, liderados pelo Movimento Passe Livre (MPL), que reivindica a adoção da tarifa zero (transporte público e gratuito para todos) e denuncia que os preços das passagens no país são mais caros do que os cobrados na Europa e nos Estados Unidos da América (EUA); mas suas consignas também dizem respeito à moralização da vida política, ao combate à corrupção, aos gastos abusivos e superfaturados com a realização da copa do mundo, à melhoria da escola pública, etc.

Para muitos observadores dessa impressionante onda de mobilização, os seus participantes foram atraídos para as ruas pelas redes sociais, particularmente, pelo *facebook*. Evidentemente, isso ocorreu, mas não podemos subestimar seus participantes, que foram convencidos pelo uso rotineiro dos transportes públicos, pelas filas dos hospitais públicos, pelas escolas públicas sem professores, pela violência desenfreada das periferias e pelas balas de borracha, bombas de efeito moral e gases lacrimogêneos lançados contra os manifestantes, o que trouxe a radicalização e uma maior disposição de participação no movimento contestatório.

Por essas e outras razões é importante dizer que a juventude necessita de um conjunto de políticas públicas que passam, necessariamente, por consistentes investimentos nos serviços públicos básicos e pela adoção de políticas econômicas e educacionais que considerem sua importância social, política e cultural e não apenas números nos indicadores oficiais. Foi com essa compreensão que *EccoS – Revista Científica* trouxe, ao longo de 2013, para suas páginas, a organização de dois dossiês temáticos preocupados em aprofundar a presença da juventude no cenário educacional brasileiro e como os pesquisadores da área têm pautado e refletido sobre essa importante questão.

Este dossiê Educação, juventude e contestação social é constituído pelas seguintes contribuições: Jovens, tempo e história: leituras de um caleidoscópio, de Astrogildo Fernandes Silva Júnior e Selva Guimarães; Juventude e ensino superior: impactos da inserção universitária na vida de estudantes de classes populares, de autoria das professoras Valdete Côco, Letícia Cavassana Soares, Nelma Suely Bragança, Raiane Lóss Cardoso; Juventudes e educação sociocomunitária: roteiros de investigação, de Luís Antonio Groppo; Políticas para educação de jovens e adultos no Brasil: a produção da área nos anos de 2011 e 2012 veiculadas na Anped, de autoria de José Rubens Lima Jardimino; O jovem e a violência: perspectivas de educação dual, de autoria de Rosimar Serena Siqueira Esquinsani e Valdócir Antonio Esquinsani; e, finalmente, os manuscritos Juventude e contemporaneidade: vínculos complexos e futuro incerto, que nos foi enviado pelos pesquisadores Maria do Horto Salles Tiellet, Maria da Penha Fornanciarri Antunes e José Ferreira da Costa.

A seção de artigos é constituída dos seguintes itens: Novos Rumos da história da educação, originalmente, aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Nove de Julho – PPGE/Uninove, ministrada pelo professor britânico Gary McCulloch; Criações e releituras de imagens: uma pesquisa no ensino de artes visuais, da educadora Maristani Polidori Zamperetti; As regras de civilidade prescritas pelas Ligas da Bondade nas escolas públicas estaduais do sul de Santa Catarina (1953-1970), das historiadoras da educação Mariane Rocha Niehues e Giani Rabelo; Literatura e formação humana, do professor Jadir de Moraes Pessoa; A Filosofia Andina: uma interpelação ao pensamento ocidental, do colega Manuel Tavares e La reinvencción freiriana en la universidad: Paulo

Freire, el movimiento zapatista, el psicoanálisis sociopolítico y la pedagogía erótica, que nos foi enviado do México pelo professor Miguel Escobar.

Aproveitamos estas últimas linhas para agradecer a professora Marisa Bittar, que se empenhou na publicação da conferência do catedrático Gary McCulloch e a todos os autores e pareceristas *Ad hoc* que colaboraram conosco no trabalho de edição do presente número de *EccoS* – *Revista Científica*, desejando boa leitura a todos os interessados.

Referências

IPEA. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 3 nov. 2013.

Antônio Joaquim Severino

Carlos Bauer
Editores